

## **GERAÇÃO QUE CANTA! – AS FACES DO ROCK NA CULTURA EVANGÉLICA JUVENIL BRASILEIRA (1990 - 2010)**

Laís Cândida Ferreira<sup>1</sup>

O trabalho proposto neste projeto tem a intenção de analisar as questões de juventude, identidade, pós-modernidade e mídia no campo protestante brasileiro na contemporaneidade.

O protestantismo refere-se às igrejas que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, principalmente através de missões norte-americanas. De acordo com Ronaldo Cavalcante (Cavalcante, 2009, p.49), quando chega ao Brasil, o protestantismo já está maduro, vindo de uma longa caminhada na Europa e nos Estados Unidos. Inicialmente, houve dificuldade na difusão do protestantismo no Brasil, contudo, a partir da presença dos primeiros pentecostais e carismáticos (início do século XX), essa adaptação se deu mais facilmente.

Desse momento em diante, o protestantismo foi crescendo cada vez mais a ponto de seu crescimento ser maior que o crescimento de católicos no Brasil (Campos, 2008). Segundo Leonildo Campos, principalmente a partir da segunda metade do século XX, os meios de comunicação em massa possibilitaram às pessoas novas formas de rearticulação do tradicional com o moderno, o que, por sua vez, trouxe mudanças ao campo religioso protestante. Na contemporaneidade não é possível falar de *um protestantismo*, mas de *protestantismos*.

A interferência dos preceitos religiosos no debate sobre as questões sociais é grande e não se pode negar que principalmente os princípios cristãos são motivos de importantes discussões na sociedade brasileira. As últimas eleições para presidente (2010), por exemplo, demonstraram que a preocupação dos candidatos sobretudo com o eleitorado evangélico, norteou algumas fases da campanha eleitoral. A questão do aborto levantou uma polêmica em todo país, que fez com que os candidatos tomassem cuidado com as expressões usadas em discursos. Em outras palavras, algumas religiões são levadas para as discussões seculares devido à sua influência sobre a formação intelectual da população.

De acordo com censo de 2000, 15% da população se declarou evangélica e cerca de 74% católica. Em comparação ao número de católicos na década de 1970, observa-se um

declínio no crescimento desse segmento cristão no Brasil, em contraposição ao crescimento dos evangélicos. Tal quadro deve-se, em grande medida, às diversificações ocorridas no cenário protestante que acabaram atraindo um público diferenciado, que estava em busca de novas roupagens para professar sua fé.

As transformações no campo religioso protestante tem o tornado cada vez mais plural. Com isso, a tensão também fica mais forte. Com o surgimento das igrejas neopentecostais, por exemplo, os ataques às religiões de matriz africana se tornam mais acirrados.<sup>ii</sup>

Principalmente o século XX é considerado por muitos estudiosos como um período de grandes e rápidas transformações. Adotaremos neste trabalho o conceito de pós-modernidade utilizado por Zigmunt Bauman (Bauman, 1998). O autor entende que a individualização é uma das principais características da pós-modernidade. Cada vez mais, o número de informações produzidas circula de forma mais rápida e a geração formada nesse contexto tem que selecionar e assimilar essas informações com mais agilidade.

Essa característica pode ser vista com o surgimento de diversos movimentos que recusam uma expressão religiosa tradicional e fundam novas instituições que melhor se adequam às suas necessidades. Ao contrário do que pensam alguns, a religiosidade tem se fortalecido e muito, porém, não da forma como sempre foi conhecida, sob a tutela das instituições tradicionais, mas sim de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

Outra questão interessante, decorrente dessa autonomia individual é o trânsito religioso, no qual as pessoas não sentem a necessidade de serem fiéis a uma instituição específica, mas flutuam em diversos espaços à procura de respostas para seus questionamentos momentâneos.<sup>iii</sup>

Atentando-se para essa questão, observa-se que as culturas evangélicas circulam e são reapropriadas de acordo com as necessidades de cada indivíduo, e não apenas seguindo um padrão colocado pelas instituições. De acordo com Karina Kosicki Bellotti,

por mais que recorramos às divisões e classificações do universo protestante, a centralidade da cultura dissolve e recombina elementos presentes nas tradições. A tradição religiosa é considerada não como um conjunto estanque de práticas e crenças de igrejas, mas como um corpo doutrinário, ritualístico e histórico que se reconstrói e se repõe pela ação cotidiana de seus membros, como uma cultura em movimento e em constante negociação entre seus indivíduos. (Bellotti, 2007, p.23)

Considerando essa discussão, é interessante ressaltar que os jovens, em sua fase de maturação identitária, são colocados frente a um arsenal de opções que só aumenta dia-a-dia. Tal diversidade possibilita, cada vez mais, que as escolhas sejam baseadas em questões individuais e não coletivas, como em sociedades pré-modernas. Dentro desse contexto do campo protestante brasileiro, queremos analisar as questões da formação identitária da juventude.

A questão da juventude e identidade tem sido discutida principalmente nas áreas da Sociologia, Antropologia e Psicologia. Como o indivíduo passa por essa etapa da vida? Luis Antonio Groppo (Groppo, 2000) defende que a juventude é mais que uma etapa de *maturação* do indivíduo, na medida em que nessa fase, o jovem é capaz de organizar-se e influenciar um círculo social que não apenas se restrinja ao seu ambiente familiar. Groppo trabalha, por exemplo, com a ação de grupos juvenis com questões políticas como o nazifascismo e a Revolução Cubana.

Outra autora que também trabalha com a questão da participação da juventude é Janice Tirelli Ponte de Sousa (Sousa, 1999), da área da Psicologia. Em seu trabalho, além de buscar uma definição do conceito de juventude, ela busca a presença desse segmento em diversos movimentos, como políticos, religiosos e raciais, por exemplo.

Mais que uma etapa da vida durante a qual o indivíduo está preparando-se para adentrar a fase adulta, a juventude tem sido, principalmente no último século, pró-ativa e interventora das questões sociais do seu tempo. Assim, faz-se necessário pensar ainda na formação identitária desses indivíduos jovens no contexto da sociedade moderna.

É a partir desse cenário que queremos promover uma discussão sobre identidade. Para isso, trabalharemos este conceito a partir das considerações feitas pelo estudioso cultural Stuart Hall (Hall, 1998). Em seu trabalho, ele discute o desenvolvimento histórico do conceito de *sujeito*. Nesta pesquisa, adotaremos a sua concepção de sujeito pós-moderno. De acordo com este autor, no mundo do sujeito pós-moderno, “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais aberto, variável e problemático.” (Hall, 1998)

Assim, a formação de uma identidade de jovens evangélicos na sociedade contemporânea, é pautada justamente pela diversidade. Não há uma unicidade de conceitos e padrões. Existem, sim, múltiplas possibilidades que são colocadas à escolha de cada um. A fluidez social está justamente baseada nessa possibilidade de deslocamento do sujeito,

que opta por determinadas identidades de acordo com o seu momento.

Isto posto, observa-se também no cenário do campo evangélico, que, principalmente a partir da década de 1970, profundas e rápidas transformações ocorreram. O campo religioso evangélico brasileiro começa a receber de forma mais intensa influências externas às suas práticas, inclusive do mercado secular. Ele se *renova*, diversificando as abordagens proselitistas e inserindo-se em áreas antes tão distintas e inaceitáveis como a política partidária (Jungblut, 2007, p.145). Aos poucos, esse campo religioso vai passando por um processo de destradicionalização e muitos grupos acompanham esse processo. Contudo, há também grupos que preferem manter-se a parte dessa *modernização* das igrejas protestantes de uma maneira geral. Obsevamos tais conflitos como um dos principais fatores que geraram as dissidências.

Magali do Nascimento Cunha (Cunha, 2004), analisa especificamente o movimento *gospel*, surgido inicialmente como um movimento musical na década de 1990 e ampliando sua influência para outras manifestações de cultura, como já citado acima. A partir da década de 1990, enquanto as grandes igrejas neopentecostais estão crescendo, paralelamente surgem diversas pequenas igrejas e comunidades, com caráter cada vez mais voltado para o indivíduo, além da preocupação com a juventude passar a ser priorizada.

Observa-se que as igrejas que estiveram mais abertas para transformações em suas formas de culto, conseguiram, em grande medida, manter seu *rebanho* e conquistaram mais adeptos e, dentre eles, uma massiva parcela da juventude. Em contrapartida, aquelas que se mantiveram imparciais quanto à decisão de não acompanhar essa destradicionalização, deram mais margem para a divisão. Muitos foram os jovens que saíram de suas igrejas tradicionais por questões de incompatibilidade ideológica e montaram igrejas com perfis que apostavam na utilização de novas linguagens para atrair um público jovem, considerado, muitas vezes, desprivilegiado pelas igrejas tradicionais.

### **Oficina G3 e Desertor**

Para realizar essa pesquisa, escolhemos duas bandas de *rock and roll* que entendemos serem representativas de determinados grupos: a banda Oficina G3, de São Paulo, e a banda Desertor, de Curitiba. Faremos o levantamento de fontes fonográficas, iconográficas, audiovisuais e digitais.

As fontes fonográficas dizem respeito às músicas produzidas por bandas que atuam

no cenário do rock evangélico nacional, enfatizando as bandas Oficina G3, expressiva representante do rock no mercado evangélico nacional, e Desertor, representante da Comunidade Gólgota em Curitiba, instituição voltada para o público juvenil com predominância de público roqueiro e ênfase no heavy metal.

A primeira figura do rock nacional desde o final da década de 1980. A banda Oficina G3 transmite um discurso de embate com as igrejas protestantes tradicionais, defendendo o uso do rock and roll como manifestação de culto. Além disso, a sua longa trajetória, oscilando de um rock mais pesado, para um rock mais pop, também possibilitou que um público amplo tivesse contato com suas músicas.

A banda teve seu primeiro disco gravado em 1990. Desde então, lançaram mais 11 trabalhos, sendo 1 acústico e 4 coletâneas, 3 dvd's e 8 videoclipes. A opção por tocar um estilo musical que, no final da década de 1980, ainda era visto com olhares receosos por grande parte do cenário evangélico, tem um apelo justamente de defesa do rock evangélico. Por essa posição e por ainda hoje ser representativa do rock evangélico em âmbito nacional, optou-se por trabalhar com esta banda. Dentre as mais de cem músicas da banda, escolhemos trabalhar com seis, tanto pela questão da letra como pela questão dos estilos que a banda adotou ao longo de sua história:

\*Naves Imperiais – gravada no primeiro trabalho da banda, “Oficina G3 Ao Vivo”, de 1990;

\*Indiferença – gravada no terceiro trabalho da banda, “Indiferença”, de 1996;

\*Quem – gravada no trabalho acústico da banda, de 1998;

\*O tempo – gravada no trabalho “O tempo”, de 2000;

\*Além do que os olhos podem ver – gravada do trabalho “Além do que os olhos podem ver”, de 2005;

\*Meus próprios meios – gravada no trabalho “Depois da Guerra”, de 2008.

Além da banda Oficina G3, trabalharemos também com a banda de Curitiba Desertor, que representa um cenário mais *underground* do campo evangélico. Os integrantes são membros da Comunidade Gólgota em Curitiba, uma igreja voltada principalmente para um público metaleiro. Seu estilo pesado e as letras com um apelo punk atingem um público bem específico que pode ser identificado como um desdobramento das transformações ocorridas no campo religioso principalmente a partir dos anos 1990.

A banda começou em 1995, na cidade de Foz do Iguaçu, com Volmir de Bastos,

hoje pastor da Comunidade Gólgota, e teve seu primeiro trabalho lançado em 2002 e o segundo em 2006. Foram selecionadas quatro músicas desta banda, procurando observar o conteúdo das letras e o ritmo aplicado:

\*Underground;

\*Sem terra;

\*Aborto;

\*Isaías 53.

Todas as músicas foram encontradas no site *Myspace*, mantido pelos integrantes da banda.

As fontes iconográficas referem-se à capas dos trabalhos das bandas e fotos de apresentações. As fontes audiovisuais referem-se a vídeos postados na internet de apresentações das bandas em shows.

Dessa forma, este trabalho tem a intenção de, através destas bandas específicas, buscar indícios da influência que a do gênero denominado *rock and roll* por algumas igrejas protestantes teve sobre a formação da identidade da sua juventude, justamente nesse momento em que o campo religioso estava numa fase de transição e mudança de seus posicionamentos. De que forma o *rock and roll* se insere no cenário evangélico como um elemento de grande importância para a disseminação da cultura evangélica entre os jovens no Brasil? Qual o lugar da juventude no campo protestante brasileiro atual?

## **Metodologia**

Tendo em vista o fato de que a temática aqui proposta tem sido explorada especialmente pelas áreas da Antropologia, Sociologia e Psicologia, aumenta a importância de um diálogo interdisciplinar, pois para entender as questões apresentadas, é necessário entender como as mesmas estão sendo trabalhadas por outras áreas. Para Michel de Certeau, essa interdisciplinaridade poderia propiciar a compreensão dos fatos de uma forma mais ampla (De Certeau, 1995, p.8).

Ao voltar a atenção para um determinado estilo musical, estamos trabalhando com uma forma de manifestação da cultura. Certeau afirma que o historiador transforma a cultura e a traduz de uma linguagem para outra (De Certeau, 1982, p.80). É uma questão de se atentar para os aspectos irracionais e perceber a sua influência em questões sociais, como a influência na formação de uma identidade nos indivíduos. A cultura é construída

pelos indivíduos e também modificada por eles. Assim, percebemos que, na medida em que a cultura é influente na formação de sujeitos, ela influencia a sociedade, formada por estes.

Propomos neste trabalho olhar para os indivíduos que participam dos grupos religiosos que serão enfatizados, como agentes movidos por questões ideológicas. Sabe-se, a partir de diversos trabalhos, que as igrejas funcionam, muitas vezes, como instituições financeiras, mas acreditamos ser esta uma definição reducionista, visto que as pessoas que compõem esses grupos estão também movidas por sua fé.

Na medida em que utilizaremos músicas como fontes, também entendemos a importância de buscar uma metodologia que possibilite que as análises sejam realizadas de forma adequada e rigorosa. O autor Marcos Napolitano ressalta que essas fontes são problemáticas, pois existe a tendência de enxergá-la enquanto ilustração da pesquisa, e coloca que “a questão, no entanto, é perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos.” (Napolitano, 2006, p.236) As letras das músicas transmitem algum discurso, mas é necessário considerar que o estilo musical é o primeiro atrativo para o produto musical.

Pretendemos analisar a música enquanto conjunto, não restringindo o olhar apenas às letras, adotando a definição de canção dada pela historiadora Mariana Villaça:

complexo conjunto composto pelos elementos musicais por excelência: harmonia, ritmo, melodia, arranjo, instrumentação – e por uma série de outros elementos que compõem sua forma: a interpretação e os signos visuais que formam a imagem do intérprete, a *performance* envolvida, os efeitos timbrísticos e os recursos sonoros utilizados na gravação [...] a estes elementos acrescenta-se à letra da canção e toda a sua complexidade estrutural, à medida que qualquer signo linguístico, associado a um determinado signo musical, ganha outra conotação semântica, que extrapola o universo da compreensão literária. (Villaça, 1999, 330)

Serão focalizadas as estratégias utilizadas pelas bandas para difusão de suas mensagens, bem como para a construção de uma identidade cultural juvenil evangélica e suas relações com o mercado secular e evangélico.

### **Referências bibliográficas:**

- ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica: teoria e método. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. O mal estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- DE CERTEAU, Michel. A cultura no plural. Campinas: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1982.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. In: Revista de Estudos da Religião. Ano 8, dezembro de 2008. Disponível em : [http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_campos.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.htm) Acesso em: 20/04/2012.
- CAVALCANTE, Ronaldo. Teologia protestante (brasileira). In: FERREIRA, João Cesário Leonel (org.) Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CUNHA, Magali do Nascimento. “Vinho novo em odres velhos”: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação), São Paulo: ECA-USP, 2004.
- ERIKSON, Erik. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Ed, Guanabara, 1987.
- FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. Tese (Doutorado em Sociologia), Campinas: IFCH/UNICAMP, 1993.
- GROPPO, Luis Antonio. Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DEFEL, 2000.
- HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. Tradução de Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone Miziara Frangella, coleção textos didáticos-IFCH/UNICAMP, nº18, 1998, 2ª edição.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. Revista Religião e Sociedade, vol. 27, n. 2, Rio de Janeiro, 2007, p.144-162.
- LIBERATO, Leo Vinicius Maia. Expressões contemporâneas de rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista. Tese (Doutorado em sociologia política), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1997.
- MASSENZIO, Marcelo. A história das religiões na cultura moderna. São Paulo: Hedra, 2005.
- MATHEWS, Gordon. Cultura global e identidade individual. Bauru: EDUSC, 2002.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. O celeste porvir. Aste, São Paulo, 1995, 2ª edição.
- MAFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Reinvenções da utopia: a militância política dos jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- VILLAÇA, Mariana. Propostas metodológicas para a abordagem da canção popular como

documento histórico. Anais do II Simpósio Latino-Americano de Musicologia. Fundação Cultural de Curitiba, 1999, p. 323-332.

---

<sup>i</sup> Graduanda em História – Memória e Imagem pela Universidade Federal do Paraná e bolsista de Iniciação Científica pelo CNPQ. Este trabalho está em andamento sob orientação da Dra. Karina Kosicki Bellotti.

<sup>ii</sup> É importante ressaltar que os ataques não “começam” com as igrejas neopentecostais, mas sem dúvida tornam-se mais agressivos e abertos.

<sup>iii</sup> Entre vários autores que trabalham essa questão do trânsito religioso, citamos Ronaldo de Almeida, com seu texto *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade*.